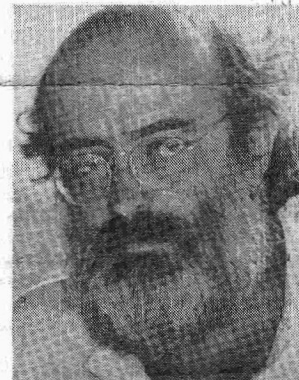
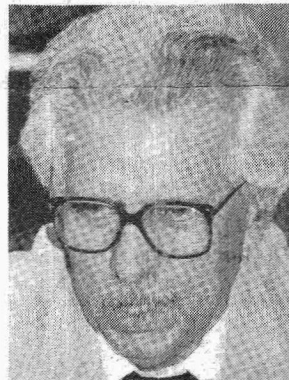


Quatro estão escolhidos. Mas quem são eles?

FOTOS: ARQUIVO



Waldir Pires, Itamar Franco, Aluísio Pimenta e Sérgio Arouca são os poucos vice que já foram definidos

Itamar Franco, com Fernando Collor de Mello (PRN); Waldir Pires, com Ulysses Guimarães (PMDB); Sérgio Arouca, com Roberto Freire (PCB); e Aluísio Pimenta, com Afif Domingos (PL) são os candidatos a vice especializados até agora. Mas quem são eles? E o que mostra o **CORREIO BRASILENSE**, nos perfis abaixo. São muitas histórias, onde se destaca, para o mais cotado deles, Itamar Franco, uma espantosa coerência com as preferências populares apuradas nas pesquisas de opinião pública. Afinal, Itamar, que foi do PMDB e do PL, chegou a ter um pé na chapa de Leonel Brizola (PDT), mas o trocou por Collor, como também aconteceu nas pesquisas.

Waldir Pires (PMDB) — O fato de o ex-governador da Bahia ter aceito ser o vice de Ulysses Guimarães vem sendo considerado como a primeira vitória dos progressistas do PMDB nesta sucessão. A segunda será fazer com que ele cheguem a 15 de novembro sem atritos.

O discurso de Waldir mais à esquerda que o de Ulysses, é tido como um trunfo capaz de apagar a memória dos eleitores que o PMDB usufruiu plena-

mente a condição de governo por um bom tempo. Waldir Pires foi o primeiro ministro da Previdência Social da gestão Sarney. Saiu dali para disputar o cargo de governador da Bahia, em 1986, quando o Governo Federal e o PMDB pareciam imbatíveis. Seu afastamento do Palácio do Planalto começou com o fracasso do Plano Cruzado, tornando-se ele um dos governadores mais críticos ao presidente Sarney.

Waldir Pires começou na vida pública em 1955, eleito deputado estadual pelo PTB. Três anos depois, passou a deputado federal, apoiado por uma coligação do PSD com o PRP. Em

1982, perdeu a eleição ao governo do Estado para Lomanto Júnior, sendo nomeado consultor-geral da República de João Goulart tão logo terminou seu mandato na câmara. Em 10 de junho de 1965, foi cassado pelo AI-5, exilando-se no Uruguai e França, onde dava aulas de direito na Universidade de Nanterre. Regressou ao Brasil em 1970, mas só retornou à vida política nove anos depois, com a anistia.

Itamar Franco (PRN) — Chegou a ser considerado vice de Leonel Brizola, antes de aderir a Fernando Collor, quando o ex-governador de Alagoas disparou na frente dos demais

concorrentes. Itamar ainda não expôs os motivos que o levaram a **collorir**. Por ora, diz apenas que foi convidado para o cargo e aceitou. Deixou o PMDB, ao qual era filiado desde 1965, depois de ter perdido a indicação para candidato ao governo mineiro na convenção. Disputou, então, pelo PL, perdendo as eleições para Newton Cardoso, o escolhido pela convenção do PMDB, mas logo abandonou os liberais também.

Como peemedebista, ele foi eleito prefeito de Juiz de Fora em 1966, obtendo cerca de 75 por cento dos votos. No governo Geisel, venceu a eleição para o Senado, tornando-se vice-líder do então MDB. Em 1978, Itamar desenvolveu os primeiros contatos com o general Euler Bentes Monteiro, com vistas ao lançamento da candidatura militar para a Presidência da República. Mais tarde, porém, arrependeu-se da iniciativa, por considerar o general "muito enquadrado para ser da oposição".

Itamar reelegeu-se senador por Minas em 1982, quando Tancredo Neves foi eleito governador. No Senado, foi vice-presidente da CPI da Corrupção, mas acabou divergindo dos outros membros ao se negar a assinar o pedido de **impeachment** do presidente Sarney.

Sérgio Arouca (PCB) —

Sua escolha para vice de Roberto Freire foi consenso no PCB. Ele deixou o cargo de presidente da Fio-cruz — Escola Nacional de Fundação Pública da Fundação Oswaldo Cruz — para se dedicar à campanha, sendo visto como um nome capaz de ampliar a votação do candidato, pelo respeito que impõe como profissional da área de saúde.

Arouca fez a defesa da emenda popular pela saúde apresentada à Constituinte, além de acompanhar de perto os trabalhos das comissões e de ter trabalhado na redação do texto aprovado em plenário.

É um vice totalmente entrosado ao candidato, não só nas idéias, como na maneira habilidosa de encaminhar a campanha.

Aluísio Pimenta (PL) — Como primeiro ministro da Cultura, corporificou a fase mais promissora e descontraída da nova República. Pimenta assumiu o cargo prometendo nacionalizar a cultura brasileira. Veio daí sua proposta de substituir o cachorro quente pela broa de milho e a Coca-Cola pela cachaça. O ministro fez o que pôde para devolver o que entendia ser "o patriotismo alegre do brasileiro". Assessorado por um grupo de animadores culturais, ele tentou mudar as comemorações do 7 de setembro, trocando os desfiles militares por uma festa tão solta quanto o carnaval.